

A PARTIR DE AGAMBEN: POR UM MAIS COMPLEXO CONCEITO DE INFÂNCIA E DE HISTÓRIA NA PSICOLOGIA

Elaine Pedreira Rabinovich¹

RESUMO: Este artigo apresenta o pensamento de Agamben a partir da leitura de seu livro “Infância e história” à luz de uma possível perspectiva da psicologia do desenvolvimento. Segundo Agamben, a infância, tratada em seu livro, encontra seu lugar lógico na relação entre linguagem e experiência. Deste modo, o artigo se centra em uma apresentação da relação entre experiência, história e acontecimento, três termos que podem ser vistos associados ao conceito desenvolvido por Agamben de infância como *in-fans*, o que ainda não fala.

Palavras-chave: Infância. História. Experiência. Acontecimento.

FROM AGAMBEN: FOR A MORE COMPLEX CONCEPT OF INFANCY AND HISTORY

ABSTRACT: This article presents Agamben’s ideas departing from the reading of his book “Infancy and history”, from a possible perspective of Developmental Psychology. After Agamben, infancy, in this book, finds its logical place in the relation between language and experience. This way, the articles centers itself on the presentation of the relation between experience, history and event, three terms that can be seen associated to the concept developed by Agamben of infancy as *in-fans*, someone that still does not speaks.

Key words: Infancy. History. Experience. Event.

¹Psicóloga clínica, mestrado em Psicologia Experimental (IP-USP), doutorado em Psicologia Social (IP-USP), Pós-doutorado em Psicologia Ambiental (IP-USP, EHESS-Paris V) e Pós-Doutorado em História e Psicologia (FLCL-USP/RP). Prof. do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: elainepedreira@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo responde a um desafio, proposto pela Revista Profanações, da produção de um texto sobre ou a partir de Agamben, visto por mim como uma proposta de um olhar reflexivo sobre o uso que tenho feito do pensamento deste autor. Este uso tem se baseado principalmente em dois capítulos do livro “Infância e história”: o primeiro capítulo, que leva este nome, acrescido de: Ensaio sobre a destruição da experiência, e o capítulo “Tempo e história. Crítica do instante e do contínuo”.

Conforme aponta Castro (2013), não se trata do texto mais conhecido do autor, que tem ocupado um lugar cada vez mais destacado no panorama do pensamento contemporâneo a partir da publicação de *Homo sacer*, em 1995, onde focaliza questões ligadas à biopolítica.

Agamben, no livro “Infância e história” (2000)², não estava pensando exatamente na infância, mas em uma instância humana que possibilitou e possibilita ser humano: a *in-fans* como uma fase anterior/concomitante à língua e que está presente, não apenas no nascimento, como no decorrer da existência humana. A infância, conforme tratada em seu livro, “encontra seu lugar lógico em uma apresentação da relação entre linguagem e experiência” (p. 9). Fundamenta nesta in/capacidade humana de falar desde sempre a possibilidade da história, qual seja, de haver uma voz não anteriormente já escrita, e assim, diferente dos animais onde a voz coincide com a língua. A partir desta distinção, é possível a emergência da novidade. Para ele, se houvesse um ser desde sempre falante, não haveria nem conhecimento, nem infância, nem história (p. 11).

A leitura do texto de Agamben acima referido se prende aos interesses da autora cuja origem, como pesquisadora, está ligada à psicologia do desenvolvimento infantil. Trata-se de uma leitura voltada à minha problemática, e não à do próprio Agamben, que a situa na relação entre voz e linguagem, *phoné* e *logos* (p. 8), a qual vai derivar na direção da ética. Para ele, *ethos* e comunidade são possíveis ao

²Este texto está baseado no livro “Enfance et histoire” Editions Payot & Rivages, pour l’édition de poche, traduzido do original em italiano publicado em 1978, primeira tradução para o francês em 1989. Foi traduzido do italiano para o português pela Editora UFMG, em 2005, por Henrique Burigo. Optei por utilizar a minha tradução do texto em francês e consultar a em português, sempre que necessário. Portanto, todas as citações em português são de minha autoria.

homem porque “o espaço entre voz e logos é um espaço vazio” (p. 14). Este vazio possibilita que um elo se forme além da gramática e das palavras prontas.

Como primeira observação, podemos dizer que, do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento humano, trata-se praticamente de uma inversão da compreensão usual do desenvolvimento humano, em que o ser-criança permite a liberdade de ser-humano.

No prefácio à edição francesa, dez anos após a publicação do texto original em italiano, o autor faz uma retrospectiva do significado deste livro à luz da continuação de sua obra. Diz ele neste prefácio:

É significativo que o autor tenha partido de uma reflexão sobre a infância para se interrogar sobre a voz humana (ou sobre sua ausência). A infância que está em questão neste livro não é um simples dado de fato, o qual se poderia isolar o lugar cronológico, nem alguma coisa como uma idade ou um estado psicossomático que uma psicologia ou uma paleoantropologia poderia construir como fato humano independente da linguagem (p. 8)³.

Assim, o que o autor se pergunta é como fazer a experiência da própria linguagem, da linguagem em si, e sobre a voz. A cisão entre voz e linguagem abre o espaço da ética e da polis, a homem sendo jogado na linguagem sem ser conduzido por uma voz.

Finaliza o prefácio perguntando-se, a partir de uma fala de Wittgenstein: se a expressão do maravilhamento ante a existência do mundo é a existência da linguagem, qual seria a expressão mais justa ante a existência do mundo? Responde que só pode ser a vida humana enquanto vida ética. “Procurar uma *polis* e uma *oikia* que estejam à altura desta comunidade vazia e não presumível, eis a tarefa infantil das próximas gerações” (p. 15).

Infantil, no caso, quer dizer: não presumível, não previsível: a abertura ao novo, e não à repetição. Assim, introduz, neste Prefácio à edição francesa, que denomina *Experimentum linguae*, a sua problemática posterior que se centra na relação entre voz e *ethos*, “só porque o homem encontra-se jogado na linguagem sem ser conduzido por uma voz, só porque, no *experimentum linguae* arrisca-se, sem uma “gramática”, nesse vazio e nessa afonia, são possíveis para ele um *ethos* e uma comunidade” (p.12).

³ Todos os textos derivados do francês foram por mim traduzidos.

Não se trata de um texto fácil de ser compreendido, como aliás todos os demais de Agamben, devido à sua erudição e à elasticidade de seu pensamento que passeia sem barreiras pela história de Pinóchio, de Don Quixote, por Hegel, Benjamin, Kant, Aristóteles, Marx, Montaigne, Sade, Heidegger, Husserl ... Mas o que está implícito em sua fala é que o futuro depende de uma condição de responsabilização decorrente de uma abertura que pré-existe a cada geração e que cada geração tem de responder a fim de poder criar um mundo pleno de possibilidades existenciais.

Mais uma vez, a linearidade implicada em uma psicologia do desenvolvimento, mesmo que construtivista ou interacionista, é colocada em cheque.

No entanto, embora o contexto do pensamento de Agamben seja estruturado a partir de questões filosóficas de grande complexidade, dentro de um diálogo com o pensamento de outros filósofos, a minha leitura da citação de Wittgenstein implicou em uma espécie de reversão da compreensão da infância, não apenas como a fase denominada como tal, mas da capacidade humana de se maravilhar e, basicamente, do que vim a denominar poética: “o instante com/sagrado do ser-humano” (PAZ, 1973), vista como uma dimensão do ser-humano, isto é, do existir humano.

Além da poética, está a compreensão que existe um mundo pré-verbal que continua existindo durante toda a vida da pessoa. Este interesse derivou do tema da minha tese de doutorado que enfocou a moradia no Brasil, destacando nela, o ornamental. Assim, não pude reduzir o sensível e o sentido a palavras e significados, sendo obrigada a pressupor que, para existir meu objeto de estudo, teria de haver um mundo pré-verbal e pré-cognitivo, embora todas as instâncias do humano estejam sempre presentes e não se possa segmentar uma pessoa pensando, deste modo, poder melhor compreendê-la. Ao escolher como temática o modo de morar, houve um natural deslocamento para a temática do *habitar* e da poética como o modo deste habitar humano. Neste deslocamento ao que é usualmente focalizado em psicologia, o encontro com Agamben, como descreveu Machado (2014, p. 152), aponta para o estreitamento de laços, “para assim, tornar largo o pensamento”.

A EXPROPRIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Este autor inicia o seu livro, *Enfance et histoire* (2000), focalizando como a experiência e sua transmissão foram se perdendo no tempo, enquanto duas instâncias, *psiqué* e *noûs*, inteligência e alma, que eram vistas separadas, passam a estar unidas em uma única, correspondendo ao cogito racional e originando o pensamento científico. Portanto, até a Idade Moderna, havia um campo de experientiação do indivíduo que não estava contido no saber teórico. Quando nasce o saber científico, a experiência passa a se basear em fatos.

O sub-título de *Infância e História é: Destruição da experiência e origem da história*. Como psicóloga do desenvolvimento infantil, o item da experiência e de sua supressão, que praticamente abre o livro em pauta, é da maior relevância. É de tal relevância que apenas ele poderia ser tomado como um livro em si.

Sua tese é de que o cotidiano era outrora a fonte primeira e primária da experiência que cada geração transmitia à seguinte, em torno da qual “se cristalizava como uma pérola a autoridade da experiência” (p. 21). Era o aprendizado por imitação, pela proximidade, pela continuidade dos fazeres, pela sabedoria de quem sabe mais...

Castro (2013) resume o pensamento do autor dizendo que o homem perdeu a tradição, “o passado tornou-se intransmissível, enquanto cultura vivente” (p. 28). O passado deixou de ser o critério da ação.

A autoridade, derivada da tradição, desapareceu na medida em que a transmissão pela experiência foi substituída pelo experimento na era pós-cartesiana, qual seja, pelo conhecimento proporcionado pela ciência. Por exemplo: ao invés de se ter a experiência de lugares, tira-se fotos destes ou se está ligado a aparelhos como celulares, I-phones, etc. ao invés de se estar nos lugares.

Em outro momento, Agamben comenta que os últimos personagens a ainda encarnarem os dois tipos de experiências - que depois se uniram no cogito cartesiano - foram Don Quixote e Sancho Pança: um apenas tem a experiência, enquanto o outro apenas faz a experiência. Mas para Cervantes, ambas existem.

Deste modo, o autor compreende que o *ego cogito* cartesiano, a consciência, demarca a fusão da experiência com o conhecimento, do irracional com o racional e o início da noção de ego como o da psicologia. Com isto, não há mais o aprendizado

pela experiência, apenas pelo experimento, pelo conhecimento. Segundo Castro (2013), “a experiência da qual foi expropriada a Modernidade é [...] a experiência singular, o acontecimento nem antecipável, nem repetível que transforma uma vida” (p. 42). Deve-se anotar, nesta citação, a palavra “acontecimento” que tem sido retomada, por exemplo, por Romano (2012), para recolocar questões filosóficas que têm uma intensa repercussão existencial nas pessoas.

As consequências atuais da perda da experiência e da tradição se refletem em todas as esferas, como também aponta Roudinesco:

Face ao cemitério das referências patriarcais diluídas em que estão o exército, a Igreja, a nação, a pátria, o partido, a família surge como um lugar de resistência à tribalização orgânica da sociedade mundializada. (ROUDINESCO, 2002, p. 243-244).

Pode-se perguntar se, mesmo a família, é ainda um lócus de resistência a isto que Roudinesco chama de tribalização.

A importância destas reflexões extrapola a área do desenvolvimento infantil, embora tenha nela reflexos da maior importância como o rapto de experiências básicas para a constituição do ser social: a criança precisa ter experiência de sua relação com co-etanos, com outros iguais, vivenciar as consequências de suas ações, para integrar, em suas sinapses cerebrais, a presença do Outro. A ausência de figuras de autoridade pode lançá-la em um tipo de relacionamento onde a lei do mais forte é “a lei”, ou seja, onde impera a sujeição à gang, ao império dos “sem lei”.

O rapto das experiências foi visto por Le Breton (1997), um sociólogo que se dedicou ao estudo da corporeidade, e outros, como Morin (1970) e Ragon (1981) frente ao desaparecimento do culto aos mortos. Para Le Breton, este rapto implica na perda da experiência do sofrimento (pelo uso sistemático dos analgésicos, por exemplo) e da morte (pela hospitalização e ocultamento da doença, do morrer e do morto), privando as pessoas, portanto, da experiência da própria vida. Para ele, o gosto pelos esportes radicais é um modo de a pessoa experimentar se a vida ainda vale a pena.

Numa linha paralela a esta, Agamben traz uma reflexão da maior importância ao associar a atual toxicomania à destruição da experiência, comparando a anterior

adesão às drogas a uma ilusão de viver uma experiência inédita à atual, que seria a de se desembaraçar de qualquer experiência.

Para Agamben, infância e linguagem parecem se reenviar circularmente uma a outra, a infância sendo a origem da linguagem e a linguagem a origem da infância. É neste círculo que se deve procurar o lugar da experiência, enquanto infância do homem: ela coexiste originalmente com a linguagem, ou antes, ela se constitui no próprio movimento da linguagem que a expulsa para produzir cada vez o homem como sujeito. Assim, “enquanto infância do homem, a experiência é simplesmente a diferença entre o humano e o lingüístico. Que o homem não seja desde sempre falante, que ele tenha sido e seja ainda *in-fans*, eis o que constitui a experiência” (p. 65). E: “O problema da experiência como pátria original do homem se torna então o da origem da linguagem em sua dupla realidade como *língua* e como *palavra*” (p. 63).

Castro (2013, p. 43) assim resume este item a respeito da relação entre sujeito e linguagem:

Que exista uma infância do homem significa, antes, que o homem não se identifica nem com o sujeito nem com a linguagem, que deve constituir-se como sujeito e apropriar-se da linguagem. Ao fazê-lo, abre-se para ele a possibilidade da história.

INFÂNCIA, HISTÓRIA E EXPERIÊNCIA

Agamben (2000) concebe a possibilidade da historicidade humana a partir da infância, associado à origem etimológica do termo infância: *in/ fans*: o que não fala. Para este autor, se não houvesse este momento, não haveria história no sentido de haver mudança e transformação, social e individual. A infância instaura na linguagem a cisão entre língua e discurso, pois o que caracteriza o humano e o diferencia dos animais é que os animais não entram na língua, já estão sempre nela. O homem, na medida em que tem uma infância, em que já não é sempre falante, cinde esta língua, a infância introduzindo, assim, a diferença e a descontinuidade entre língua e discurso.

E é sobre esta diferença, sobre esta descontinuidade que se funda a historicidade do ser humano. Se há uma história, se o homem é um ser

histórico, é apenas porque há uma infância do homem, porque a linguagem não se identifica ao humano, porque há uma diferença entre língua e discurso, entre semiótica e semântica (p. 67).

Assim, é a infância, é a experiência transcendental da diferença entre língua e fala que, pela primeira vez, abre à história o seu próprio espaço.

Eis porque Babel, qual seja, o abandono da pura língua edênica e a entrada no balbuciar da infância (momento, nos dizem os lingüistas, quando a criança forma os fonemas de todas as línguas do mundo) é a origem transcendental da história. Fazer a experiência significa, necessariamente, neste sentido, reencontrar a infância como pátria transcendental da história (p. 68).

Como dito no início deste artigo, o termo “infância” não deve ser visto como referindo a uma fase do desenvolvimento infantil, mas como uma abertura ao mundo durante todo o decorrer da vida humana devido a uma sempre possível cisão entre semiótica e semântica, entre língua e discurso, além da gramática. Agamben coloca isto como um mistério: eu o coloco como o lugar da poética.

TEMPO E HISTÓRIA

No artigo denominado Tempo e História (2000), Agamben critica a visão do tempo como um continuum pontual e homogêneo, que permaneceu ao lado das teorias sociais e históricas, mesmo as revolucionárias como o marxismo, no próprio cristianismo e na modernidade.

Em contraposição a esta noção de tempo, traz o conceito dos estóicos para quem o modelo era “o kairós, a brusca e súbita coincidência em que o homem decide pegar a ocasião, realizando sua vida no instante: o kairós concentra em si próprio os diversos tempos” (p. 126). Esta visão de tempo é uma importante contribuição deste autor para a compreensão dos fenômenos ligados à vida das pessoas, além de se aproximar da definição de poética como instante com/sagrado, em que ocorre esta brusca e súbita coincidência, concentrando em si diversos tempos, como o da própria humanidade.

Encontra em Heidegger a crítica ao tempo pontual e contínuo é mais radical. O foco da experiência do tempo é o “momento da decisão autêntica em que o Ser-ai experimenta a própria finitude, do nascimento à morte” (p. 128). O homem nunca cai

no tempo, mas “existe como temporalização original”. (p. 128). “Se ele pode assumir seu ser-projetado, se o momento lhe permite ser “para o seu tempo”, é porque ele é um ser que antecipa e ad-vient” (p. 128).

Agamben comenta que Heidegger, após o *Ser e o Tempo*, propõe o conceito de acontecimento (Ereignis) - adveniente para Romano - pensado não mais como uma determinação espaço-temporal, mas como uma abertura da dimensão originária no qual se funda toda dimensão espaço-temporal (p. 129).

Termina este capítulo em que descortina as complexas relações entre tempo e história, apontando para o prazer como uma experiência imediata e disponível a todos, e que acontece a cada instante de modo inteiro e completo. Enquanto o elo entre os dois tempos ocidentais, o contínuo e o eterno, é o instante como ponto inextenso, a isto contrapõe o lugar próprio do prazer: a história. Propõe que a história não é, “como quer a ideologia dominante, uma sujeição do homem ao tempo linear contínuo, mas sua libertação: o tempo da história é o Kairós que permite à iniciativa humana se apropriar da ocasião favorável e escolher instantaneamente a liberdade”. Opõe, assim, ao tempo cronológico da pseudo-história, o tempo kairológico da história autêntica.

Nesta exposição sobre a relação entre a noção de tempo e a de história, fica implicada a de acontecimento que, para Romano (2010), é radicalmente imprevisível, enquanto sua atualização o torna (retrospectivamente) possível, reconfigurando a totalidade dos nossos possíveis: “ele não acontece no mundo, mas abre um novo mundo para aquele ao qual ele advém” (p. 8). Deste modo, o conceito de acontecimento pode ser visto como o lócus da experiência como tal.

Devido à complexidade das idéias expostas acima, sua compreensão exige um despojamento de conhecimentos anteriores e uma abertura para a novidade que o pensamento de Agamben traz e que, sem dúvida, permite olhar para a psicologia do desenvolvimento de um modo bem diverso do usual em que predomina a visão linear, pontual, contínua e homogênea da história – e a do tempo irreversível - e a da ciência pós-cartesiana, qual seja, do conhecimento derivado do que se denomina ciência.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Enfance et histoire**. (Trad. Yves Hersant). Paris: Eds. Payot et Rivages, 2000. (1a ed. em italiano 1978).

_____. **Infância e história**. Destruição e origem da história. (Trad. Henrique Burigo). Belo Horizonte: UFMG, 2005. (1a ed. Italiano 1978)

BRETON, David Le. **La sociologie du corps**. 3.ed. Paris: PUF, 1997.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Giorgio Agamben**. Uma arqueologia da potência. (Trad. Beatriz de Almeida Magalhães). Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (1a edição em espanhol, 2008).

MACHADO, Renata Lisbôa. Por uma po-ética do gesto: alguns apontamentos sobre sujeito, ética e origens do humano. **Profanações**, a. 1, n. 1, p. 143-153, jan./jun., 2014.

MORIN, Edgar. **L'homme et la mort**. Paris: Seuil, 1970.

PAZ, Octavio. La consagración del instante. In: ADORNO, Theodor W. et al. **El arte en la sociedad industrial**. Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1973.

RAGON, Michel. **L'espace de la mort**. Paris: Albin Michel, 1981.

ROMANO, Claude. **L'aventure temporelle**. Paris: PUF, 2010.

_____. **L'événement et le temps**. Paris: PUF, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth. **La famille en désordre**. Paris: Fayard, 2002.

Artigo recebido em: 29/09/2014

Artigo aprovado em: 13/05/2015